

iluminado pela História que o Cid. É mais: sucede, freqüentemente, que o caráter real do Cid é de maior interesse poético que o da lenda" (pág. 18 do novo volume). Depois de uma premissa introdutória, este trabalho de Pidal desdobra-se em cinco grandes capítulos: O Cid na corte castelhana; o Cid excluído de Castela; a invasão almorávida; o Cid frente ao Emir Al-Muslimin e Mio Cid el de Valencia. Enfecha-o um epílogo, encerrando uma conclusão histórica sobre aquela época de extrema crise.

"El Cid Campeador" de Menéndez Pidal apresenta, julgo-o, o mérito superior de afirmar pesquisas sobre a história muçulmana da Espanha, principalmente ao advir na península a dinastia dos Almorávidas, que significou um ressurgimento do Islão na Espanha após a anárquica decadência dos reinos de Taifas. Foi com os Almorávidas que se perfilou a personalidade peregrina do herói espanhol, marcando um novo período à restauração da cristianidade. Constitui, pois, a recente obra de Menéndez Pidal, um valioso capítulo ao alcance de todos os que se interessam pela realidade espanhola, pela história da Espanha sob o domínio árabe, capítulo realizado à sombra frondosa e inspiradora da épica do Cid.

LUIS AMADOR SANCHEZ.

---

"AMERICO VESPUCIO — EL NUEVO MUNDO — CARTAS RELATIVAS A SUS VIAJES Y DESCUBRIMIENTOS — TEXTOS EN ITALIANO, ESPAÑOL Y INGLÉS — ESTUDIO PRELIMINAR DE ROBERTO LEVILLIER". Editorial Nova. Buenos Aires, 1951. Brochura de 342 páginas com ilustrações no texto.

A "Editorial Nova" de Buenos Aires, acaba de publicar na sua "Biblioteca Americanista", todas as cartas atribuídas a Amerigo Vespucci, precedidas de um prefácio do ilustre historiador argentino professor dr. Roberto Levillier, personalidade esta bastante conhecida no nosso meio intelectual através do seu erudito trabalho *America la bien llamada*.

O livro, ora publicado pela "Editorial Nova" é, inegavelmente, de grande utilidade para os estudiosos da história dos descobrimentos marítimos nos séculos XV e XVI, porque encerra em suas páginas a principal fonte para se conhecer das viagens e descobrimentos de Vespucci. Todavia, não pertence à "Editorial Nova" a prioridade da publicação na América do Sul de todas as cartas atribuídas ao Florentino, de vez que em 1949 elas foram por nós estampadas no boletim número 100 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de S. Paulo.

Tratando-se do prefácio que o erudito professor dr. Roberto Levillier escreveu para esse livro, temos a dizer que, em resumo, repete a tese que defendeu com brilho na sua citada obra *America la bien llamada* e que é a seguinte: todas as cartas atribuídas a Vespucci, são autênticas; este Florentino realizou 4 viagens ao Novo Mundo, inclusive a de 1497-1498, como narra a "Lettera a Soderini"; na sua terceira viagem, ao percorrer o extenso litoral leste da América do Sul desde o cabo S. Agostinho até a foz do atual rio Camarões que se encontra na Patagônia, descobriu o Cerro de Montevideo e bem assim o Rio da Prata.

Nesta resenha não há margem para se apreciar, como merece, a erudita tese do professor dr. Levillier com quem mantemos amistosa correspondência sobre Vespucci e suas viagens. Oportunamente voltaremos ao assunto, defendendo a nossa tese que, em essência, é aquela do notável professor italiano Alberto Magnaghi. Este emérito professor sustenta com farta documentação, inclusive a cartográfica, que das cartas atribuídas a Vespucci, só são autênticas as que ele escreveu a Lourenço de Pier Francisco de Medici respectiva-

mente de Sevilha, Cabo Verde e Lisboa, em 1500, 1501 e 1502; de acôrdo com essas cartas, o Florentino realizou apenas duas viagens à America do Sul, sendo a primeira em 1499 em parte com Hojeda e, a segunda em 1501-1502 como astrônomo e cosmógrafo da expedição portuguesa enviada por D. Manuel para explorar o litoral brasileiro. Na primeira viagem descobriu o Amazonas penetrando 15 léguas rio a dentro e na segunda, não avistou o Rio da Prata, como pretende o professor Dr. Levillier.

THOMAZ OSCAR MARCONDES DE SOUZA.

ECHARRI (Emiliano Diez). — *Teorias Métricas del Siglo de Oro* (Apuntes para la historia del verso español). Prêmio "Menéndez y Pelayo" de 1948. Madri. 1949. 355 páginas. 4 apêndices.

Licenciado em 1944 em Filologia Clássica pela Faculdade de Filosofia e Letras de Madri, cêdo alcançou Echarrí o magistério superior como catedrático de Gramática Geral e Crítica Literária na Faculdade de Letras da Universidade de Oviedo. Foi sua tese de doutoramento, em 1946, a obra de que nos propomos dar uma noticia bibliográfica. Preenche um vazio que Menéndez y Pelayo sempre apontou na história da métrica espanhola, e com grandes méritos, não só no ponto de vista crítico, como também no método de exposição da matéria e atualidade bibliográfica. Echarrí desenterrou tôdas as teorias versificatórias que andavam esquecidas nos tratados métricos espanhóis da época clássica, desde a *Arte de Poesia Castelhana* (1496) de Juan del Encina até a *Rhythmica* (1665) de Caramuel, dividindo as poéticas cronologicamente: poéticas de "cancioneiros", poéticas de inspiração petrarquista, poéticas italianas de tendência espanhola, preceptivas aristotélico-horacianas e preceptivas gramáticas. Conquanto a tese obtivesse de egrégio Tribunal a máxima qualificação, e dois anos depois se lhe conferisse o prêmio de Letras "Menéndez y Pelayo", nada impede que os curiosos de cá do Atlântico discretem à vontade sobre a novidade da publicação e o conteúdo do trabalho. São de louvar investigações desta espécie, numa época em que a Métrica atravessa uma grande crise — determinada pelas últimas conseqüências da escola romântica. O versilibrismo desbragado, o surrealismo, o dadaísmo, o letrismo e outras secreções do Romantismo, se incumbiram de lavar o epitáfio da Métrica, depois de atirarem-na em meio a uma confusão tremenda. Hoje espíritos de renúncia voltam os olhos para uma sistematização histórico-crítica dos problemas versificatórios. Alguns até chegam a exorbitar as fronteiras de seu patrimônio literário, para penetrar no conhecimento da versificação estrangeira. Tal é, por exemplo, o caso de Pierre Le Gentil, continuador de Georges Le Gentil na direção dos estudos portugueses na Sorbonne, que em 1949 começou a publicação de sua tese de doutoramento sobre a poesia ibérica dos fins da Idade-Média: *La Poésie Lyrique Espagnole et Portugaise à la fin du Moyen-Age*, de que saiu a 1.<sup>a</sup> Parte, relativa aos temas e aos gêneros. A 2.<sup>a</sup> Parte, de maior interesse para nós — que carecemos de estudos sistemáticos sobre a estrutura da poesia tradicional dos séculos XV e XVI — vai versar sobre a forma dessa poesia que circula sobretudo no Cancioneiro de Baena e no Cancioneiro Geral de Garcia de Rezende. A obsessão destes derradeiros anos do século é digna de nota: em França a obra de Georges LOTE (*Histoire du vers français*, 1.<sup>a</sup> Parte: *Moyen-Age*, 3 vols.), obra monumental que vem suceder aos trabalhos clássicos de Paul Verrier, que em *Vers Français* (3 vols., 1931-1932) estuda a formação do poema, os metros e as adaptações germânicas. A obra de LOTE está ainda em fase de publicação. Quanto à tese de Echarrí: o ilustre metricista lastima que certos problemas relativos à história do verso castelhano não tenham sido tratados até hoje. Concordamos com que o autor